

tos quadros visuais, uma estratégia que parece refletir as marcas de narratividade do texto.

Como sintetiza José António Gomes, em *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude* (1997), estes poemas «põem em cena animais personificados que revelam formas infantis de ver o mundo ou vivem situações demasiado humanas, em que se torna patente uma condenação da vaidade, da ambição, do discurso palavroso e de uma organização social injusta». Pelas razões brevemente expostas, cremos que *Bichos*, *Bichinhos* e *Bicharocos* espelha a qualidade invulgar da poesia de Sidónio Muralha, autor cuja obra completa, cremos, merecia já uma reedição. SARA REIS DA SILVA [UNIVERSIDADE DO MINHO]

Perdido e Achado

Oliver Jeffers (texto e ilustrações)

Orfeu Negro, 2011

ISBN – 978-989-8327-08-6

Pré-leitores, leitores iniciais

A coleção Orfeu Mini tem proporcionado aos pequenos (e não só) leitores portugueses a alegria da leitura de títulos manifestamente especiais da literatura para a infância de outros países. Lembremos apenas, a título puramente exemplificativo, *O Livro Inclinado*, criado em 1910 pelo americano Peter Newell, e editado em Portugal em 2008.

Oliver Jeffers, autor de, entre outros, *O Incrível Rapaz Que Comia Livros* (Orfeu Mini, 2008) e *O Coração e a Garrafa* (Orfeu Mini, 2010), ambos publicados também com a chancela da Orfeu Mini, assina, agora, o texto e as ilustrações de *Perdido e Achado*.

Reconhecida como “Melhor Livro do Ano 2006” – Blue Peter Award – e com a Medalha de Ouro 2005 – Nestlé Children’s Award –, esta é uma obra que, com simplicidade, ficcionaliza temáticas estruturantes como, por exemplo, a solidão e a (descoberta da) amizade. O extraordinário arranjo gráfico da publicação, sustentado por suaves ilustrações em aguarela que ora ocupam páginas simples, ora se estendem por páginas duplas, alia-se a um estilo narrativo contido e sugestivo, fazendo deste álbum narrativo um objeto artístico de inegável impacto afetivo. A ação é protagonizada por um menino e por um pinguim e arquiteteta-se a partir do encontro entre ambos. O desconhecimento da identidade e da origem da segunda personagem, aos olhos do menino, parecendo muito triste, bem como a dedução de que o silencioso animal estaria perdido conduzem a uma aventura: uma viagem até ao Pólo Sul. Repleta de

perigos – «Navegaram com bom tempo... e com mau tempo, enfrentando ondas que cresciam como montanhas...» –, mas também de momentos de cumplicidade – «O rapaz ia contando histórias ao longo do caminho e o pinguim escutava tudo o que o rapaz dizia» –, esta viagem chega ao fim e permite o reconhecimento da verdadeira “identidade” emotiva do pinguim: «Era estranho ficar assim sozinho... e quanto mais pensava... melhor compreendia o seu grande erro. O pinguim não estava perdido: sentia-se sozinho. (...)». Com um desenlace inesperado (mas desejado) e positivo, para cuja definição contribuem decisivamente as ilustrações, esta narrativa permite equacionar, com simplicidade, questões como a aparência *vs.* essência ou, até, os acasos, as coincidências e os equívocos que a vida apresenta. O facto de conhecermos apenas a perspectiva do menino, assim como a parcimónia descritiva ou, como refere Andreia Brites, no post que, no seu blogue (Sábado, fevereiro 26, 2001), dedica a este livro, «a contenção narrativa (visual e textual)», promove a criação expectativas no leitor.

Uma nota final para assinalar que a este carácter alusivo, que mencionámos, devemos juntar o dinamismo inerente ao relato, aspetos que, cremos, poderão ter sido determinantes do ponto de vista da materialização das potencialidades cinematográficas que a publicação encerra e que redundaram, por exemplo, no tocante filme de animação *Lost and Found*, realizado por Philip Hunt (Aka Studio, 2008). SARA REIS DA SILVA [UNIVERSIDADE DO MINHO]

